

# Política

## Independência e o debate econômico

O professor *Dicarmos de Moraes*, um estudioso da história do Brasil, distinguiu numa entrevista sobre o sete de setembro, a independência econômica da política. Segundo o professor desde 1808 quando a corte portuguesa transferiu-se para o Brasil, a independência política estava delineada. O movimento de 22 foi apenas a consequência de algo que começou a germinar quando D. João VI, fugindo dos franceses veio, para o Brasil.

Data daquela época o início de um período de intensos contatos econômicos com os ingleses. Na realidade, o Brasil foi objeto de uma barganha política portuguesa, entrou como uma espécie de bem penhorado para garantir a sobrevivência de uma corte extinta pela força das tropas napoleônicas. O Brasil independente no século 19 é profundamente ligado a Inglaterra. Há um empresário, contudo, que se destaca: Mauá que assistiu in loco o início da revolução industrial inglesa.

Mauá sofreu todos os rigores de quem convive com o futuro. Ele financiou o império nas guerras cisplatinas e consolidou uma série de empreendimentos em todo o país. Pela metade do século passado o Brasil construía navios tão bons quanto os ingleses e produzia tecidos em grande escala. Isto aconteceu porque o sistema tarifário protegia o empresário nacional. Uma crise, semelhante a que se vive hoje, suspendeu as barreiras protecionistas e Mauá faliu. Foi substituído em suas empresas por capitais ingleses.

A carta que o Visconde Mauá endereçou a seus credores é um magnífico documento da realidade econômica de um país subdesenvolvido. A carta tornou-se um livro denominado "Autobiografia" que recentemente foi reeditado pelo Ministério dos Transportes. O empresário brasileiro — ele fundou o Banco do Brasil, em uma das quatro versões daquela instituição — realizador e dinâmico foi sacrificado pelas dificuldades do país. O fim de Mauá corresponde ao esplendor do capital inglês no país.

A estreita dependência dos investimentos ingleses somente se modifica no final da primeira guerra mundial, quando os britânicos vêem sua influência diminuir em todo o mundo. Significativamente é Hermes da Fonseca quem faz a primeira renegociação da dívida externa com os Estados Unidos. Este processo de reciclagem econômica tem nítidas consequências políticas internas, pois toda a década de vinte é caracterizada por levantes militares que alcançam seu auge em 1930. O sistema de alianças que compunha o poder reciclou-se junto com a substituição dos investidores.

O processo histórico tem demonstrado que economia e política se interpenetram e tendem a provocar no outro setor situações específicas. Assim também aconteceu quando os militares brasileiros foram ao teatro da guerra na Itália e lutaram contra o fascismo. Lá descobriram no Vº. Exército norte-americano, comandado pelo General Mark Clark, uma arma eficiente e moderna, bem armada e com alto nível de organização. O resultado foi a criação no Brasil do similar A National War College, a Escola Superior de Guerra.

Os militares que participaram da segunda guerra intervieram seguidas vezes na política brasileira na década de cinquenta, até conseguir a vitória em 1964. Em nenhum momento ao longo da discussão política, os ideólogos dos movimentos definiram um caminho explícito a ser encontrado e mesmo no debate sobre os ideais de 64 é possível encontrar mais razões para derrubar o oponente que para constituir um sistema administrativo com objetivos definidos.

Subjacente a isto está a idéia pouco clara de que o regime deve defender os gestores da economia. Afinal de contas dizem os manuais da escola superior de guerra que quanto maior for o poder nacional maior será o grau de autonomia do país. A questão é que o desenvolvimento associado a capitais estrangeiros cria um poder nacional estatisticamente forte, mas vulnerável na razão direta da sua dependência do exterior. Nesta equação, portanto, quando maior for o desenvolvimento econômico mais dependente será o país.

Esta reflexão cabe no momento em que o país comemora sua Independência, vive um grave processo econômico-financeiro cuja solução, uma delas pelo menos, tem sido a de conceder maiores vantagens ao investidor estrangeiro para aliviar o país dos problemas externos. A lembrança de Mauá cabe por inteiro num país que ainda não decidiu-se sobre o rumo econômico a seguir. O empresário, sufocado pelas elevadas taxas de juros e pelo ritmo da inflação, ameaça sucumbir. E se isto acontecer, a independência política continuará a ser comemorada, mas a outra, a econômica, persistirá sendo apenas uma expectativa.

*André Gustavo Stumpf*